

A SEMANA – 232*

8 de novembro de 1896

McKinley¹ está eleito presidente dos Estados Unidos da América.² Se Bryan tivesse razão, o povo estaria crucificado numa cruz de ouro; mas, como à crucificação se segue a ressurreição, era de esperar que o mesmo sucedesse ao povo, e a páscoa seria o que são todas as páscoas, uma festa de família. Foi justamente o que sucedeu, com a diferença que nem chegou a haver cruz, nem suplício. Bryan, felicitando o rival triunfante, acaba de mostrar que as figuras de retórica são necessárias às lutas do voto e que os oradores não pensam absolutamente o que dizem. Por outro lado, o vencedor proclama à nação que a vitória é dela e não de um partido. Essa outra luta de generosidades é brilhante e digna de um grande povo.

Eu, se lá estivesse, faria uma estatística eleitoral, para figurar ao lado das maiores daquele país, que as tem superiores ao resto do mundo. Os Estados Unidos são a terra das coisas altas, rápidas e infinitas, vastas construções e desastres vastos, cidades feitas em três meses e desfeitas em três horas, para se refazerem em três dias, vendavais que arrancam florestas, como o vento do outono as simples folhas de arbustos, e uma guerra civil, que se não pareceu com outra qualquer moderna nem antiga. Podemos imaginar o que é uma luta eleitoral. A minha estatística não contaria só os discursos proferidos nos *meetings*, dos quais já telegramas nos deram um pequeno cômputo, que excede talvez às orações de uma legislatura³ ordinária; mas, enfim, os discursos ocupariam o primeiro lugar, sem esmiuçar os períodos e as palavras. Contaria os auditores de todos eles, discriminados por partidos; com os auditores, as aclamações, as bandeiras, as gravuras, os artigos biográficos e apologéticos, as edições dos programas, das folhas políticas ou simplesmente noticiosas. Ao pé disto, as milhas andadas durante

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 313, p. 1, 8 nov. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 321-327). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ McKinley] MacKinley – em GN; Mac-Kinley – em SEM1953. Nesta e nas ocorrências subsequentes.

² Em 1896, disputaram a presidência dos EUA William McKinley (1843-1901) pelo Partido Republicano, e William Jennings Bryan (1860-1925), candidato pelos partidos Democrata e Populista. McKinley foi eleito presidente.

³ legislatura] legislatória – em GN. Acatamos a lição de Aurélio Buarque de Holanda.

a campanha eleitoral, as rixas, os murros, os ferimentos e as mortes, pois que houve algumas; as apostas, valor e número delas; e, para dar a tudo um grãozinho de fantasia, os sonhos, divididos pelo tamanho, pela cor, pela duração, pela significação, pelas cabeças, pelas zonas, tantos ao sul, tantos ao norte, tudo bem disposto em quadros, que ficassem como um documento desta campanha de 1896.

É claro que nessas tábuas figurariam as minas de prata e seus produtos, os ganhos que daria a vitória de Bryan, e as perdas que trouxe para os derrotados a de McKinley. Viriam também os efeitos no resto do mundo. As felicitações dos vários governos e da imprensa de outros países mostram que é alguma coisa eleger um presidente dos Estados Unidos, e basta inclinar a balança a um ou outro lado para encher de alegria ou de pavor as várias praças da Europa e da América. Tudo porque os dois candidatos preferiram uma coisa tangível nos programas a uma simples exposição de doutrinas, ou até de palavras, – e estas teriam as suas vantagens: não abalariam o mundo, as praças não transtornariam as suas ideias de padrão monetário, e as taxas seguiriam tranquilas o caminho do costume.⁴

O país do dólar divergiu no dólar. Nós temos aqui uma divergência esta semana, mas é nas *debentures*⁵ da Sorocabana, das quais umas continuam a ser verdadeiras e outras falsas.⁶ Já as vi de outras empresas que, ainda verdadeiras todas, não valiam mais que as falsas, e tinham vantagem de não levar ninguém à cadeia; tão certo é que nisto de *debentures*, e análoga papelada, tudo depende do crédito da pessoa. Não basta a cor da tinta nem a perfeição da gravura. As verdadeiras, que ora se falsificam, têm valor, decerto; ninguém imita o que não presta, salvo os poetas e pintores de mau gosto, e assim os músicos. Os arquitetos também, e os escultores. Toda questão⁷ é saber quem é aqui o mau artista; dizem que é alguém que, depois de vir dos Estados Unidos, para lá tornou. Haverá cômlices? A dificuldade é achá-los, porque os papéis falsos compõem-se às escondidas e distribuem-se com grandíssimas cautelas. Os autores, quando ainda não estão a bordo, jantam conosco à mesa, e dançam em família. Mas tornemos ao dólar.

Um dos capítulos da minha estatística seria a soma de dinheiro gasto, ouro, prata e papel, por Estados e por cidades. Outro seria o número dos cartazes, com as recomendações do estilo: *Votai em McKinley! Votai em Bryan!* Nós temos uns *meetings* ligeiros e não dispendiosos, praça estreita, um patamar de escada ou um pedestal de estátua por tribuna. Também os há destes noutras partes, ainda que mais vastos, como

⁴ Em 1896, a discussão sobre o padrão monetário, ouro ou bimetalismo [ouro e prata], se tornou tema central da campanha presidencial norte-americana. McKinley defendia o padrão-ouro; e Bryan, o bimetalismo. (Ver FRANCO, 2007, p. 216)

⁵ *debentures*] debêntures – em SEM1953 (nesta e nas ocorrências subsequentes).

⁶ Sobre as debêntures falsas, ver ilustração ao final desta crônica.

⁷ Aurélio Buarque de Holanda, em nota à edição de 1953 (p. 324), comenta: “Talvez resulte de erro de revisão a falta do *a* antes desta palavra.” Machado de Assis, entretanto, como os clássicos da língua, não fazia distinção entre “todo(a)” e “todo(a) o(a)”.

um que se efetuou agora em Hyde Park,⁸ Londres, do qual só se pode saber que foi o mais chocho de todos (versão *Times*),⁹ e o mais entusiasta que jamais houve (versão *Daily Chronicle*).¹⁰ Vá a gente crer nos jornais que lê!¹¹

Em todo caso, um *meeting* não é uma campanha eleitoral e presidencial, que pede arte mais variada e perfeita, e não se faz só com palavras e um convite manuscrito colado nas esquinas. Lestes que a grande procissão de New York levou a passar na rua doze horas, desde dez da manhã até dez da noite. Não se refresca todo esse pessoal com promessas; há de haver algo mais que esperanças. Não todo,¹² mas um basto número de cabos e subcabos, de agentes, de serviçais, precisa de entreter a natureza. É impossível que os nossos amigos *yankees* não tenham algum provérbio equivalente ao nosso – “saco vazio não se põe em pé.” Além do mais, há nessa procissão que passa na rua, durante doze horas, aclamando um candidato, tal soma de fôlego e resistência, não menos que nos espectadores que a veem passar, a pé firme, que seria bom fosse imitado por outros povos. Não são *debentures*, são dólares de metal.

Quando a gente arrepia o pelo à história, e vê como se elegiam os cônsules romanos, fica pasmado da diferença. Seguramente os americanos invocam a divindade nos seus atos e cerimônias civis, como filhos de ingleses que são; mas não fazem aquela consulta do céu e dos deuses, particular a cada candidato, que os excluía ou admitia previamente. Candidato que o presidente da assembleia eleitoral dissesse ter sido excluído pela divindade, quando a consultou na véspera, não recebia votos para cônsul. Falam aí no poder dos nossos presidentes de mesa eleitoral; mas seriamente, qual deles tem esta faculdade legal de consultar os astros? O que eles fazem é por abuso, mero abuso, detestável abuso; não possuem aquele poder moral e religioso, tanto quanto político, que dispensa a fraude, o bico de pena, troca de cédulas, o aumento destas, os votos de defuntos, e tantos outros recursos que um pouco de religião e astrologia tornaria inúteis.

A verdadeira luta seria para ocupar a chefia da mesa. Aí pode ser que houvesse alguma violência ou falsificação; em lugar desses seria a própria boca divina falando aos homens. Um cidadão que, depois de uma noite em claro, pudesse dizer: “Consultei o Cruzeiro e Vênus; são contrários ao Mota; o Cruzeiro prefere o Neves, e Vênus o

⁸ Hyde Park,] Hyde-Park, – em GN e em SEM1953. Hyde Park é um parque no centro de Londres, famoso pelo seu “Recanto dos oradores” (*Speakers’ Corner*), em que qualquer cidadão pode fazer discursos criticando quem quer que seja, exceto a família real e o governo inglês. Para discursar, o orador deve estar sobre um caixote ou uma cadeira, pois, segundo a tradição britânica, se o orador não estiver sobre solo inglês, estará isento das leis e tradições britânicas. Ao longo do séc. XIX, *meetings* (encontros, protestos) importantes ocorreram no Hyde Park.

⁹ (versão *Times*),] (versão *Times*, – em GN.

¹⁰ (versão *Daily Chronicle*).] (versão *Daily-Chronique*). – em GN. Acatamos a lição de Aurélio Buarque de Holanda. Trata-se, evidentemente, de um jornal americano (o *Times*) e um inglês (o *Daily Chronicle*).

¹¹ Não localizamos as matérias nos jornais de língua inglesa citados por Machado de Assis.

¹² Não todo,] Não todo – em GN. Acatamos a pontuação de Aurélio Buarque de Holanda.

Martins; mas, depois de alguma controvérsia, combinaram no Silva e no Alves; eu votaria no Alves”; um cidadão destes seria a própria eleição do Alves. Tudo sem discursos, nem procissões, nem manifestos, nem nada.



A SOROCABANA
DEBENTURES FALSOS

Tem apparecido ultimamente na praça grande numero de debentures falsos da Estrada de Ferro Sorocabana. Por occasião da ultima chamada para resgate varios corretores encontraram specimens de igual numero, correspondendo, portanto, a uma duplicata fraudulenta.

Sabemos que se trata de cerca de 15.000 *debentures* recentemente vindos de S. Paulo.

A policia já tomou conhecimento do facto.

Por informações particulares, consta que o numero de debentures falsos já descoberto é de 2.800; que a propria companhia comprou e pagou alguns, e que hontem deu denuncia á policia; que os titulos foram trazidos de S. Paulo, por conta do negociante Poyares, pelos correctores Salgado, Pereira e outro; e que aqui foram vendidos pelos corretores Palhares, J. Esnaty e outros.

Debêntures da Sorocabana no noticiário

FONTE: *A Notícia*, ano III, n. 264, p. 1, 5 nov. 1896.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 313, p. 1, 8 nov. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15227>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

FRANCO, Gustavo H. B. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.